

As armas da região do Côa (II e I milénios a.C.): contextos, recursos e simbologias

Pedro Baptista⁽¹⁾, Raquel Vilaça⁽²⁾, Marcos Osório⁽²⁾⁽³⁾, Luís Luís⁽⁴⁾ e Carlo Bottaini⁽⁵⁾

(1) Mestrando de Arqueologia e Território da FLUC; (2) Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAAC); (3) Município do Sabugal; (4) Fundação Côa Parque; (5) Laboratório HERCULES / CIDEHUS, Universidade de Évora.

VI Jornadas de Arqueologia do Vale do Douro. Porto, 2016.

1. Enquadramento

Apresenta-se uma visão de conjunto das armas e sua representação em estelas, estátuas-menires e gravuras rupestres, reportáveis aos II e I milénios a.C., no território correspondente à bacia hidrográfica do Côa, embora contemple ainda áreas envolventes, nomeadamente do extremo oriental do Alto Mondego (Fig. 1). É um espaço estruturado pelo rio Côa e seus principais afluentes Massueime e Cabras, e marcado pelos acidentes geográficos da Marofa, a norte, e da Malcata, a sul, que atingem, respetivamente 977m e 1075m de altitude.

Constitui uma região rica em recursos mineiros, a que se juntam as pastagens de vale e de montanha propícias à criação de gado e, por isso, o controlo visual dos cursos hídricos, das vias naturais de passagem e das áreas de exploração dos recursos mineiros sempre foi uma constante, mesmo tendo em conta as alterações verificadas nos padrões de povoamento ao longo destes dois milénios.

Esta abordagem pretende refletir sobre o papel das armas enquanto objetos e símbolos de poder nos processos de ação, transformação e identidade social, e a forma como foram apropriados ao longo do tempo por comunidades distintas. Por isso mesmo é marcadamente diacrónica e centra-se na análise espacial da dispersão dos testemunhos conhecidos e os seus contextos geográficos, porquanto se encontram numa região de interface entre o Noroeste e o Sul peninsular, entre as franjas mais atlânticas e as terras do interior.

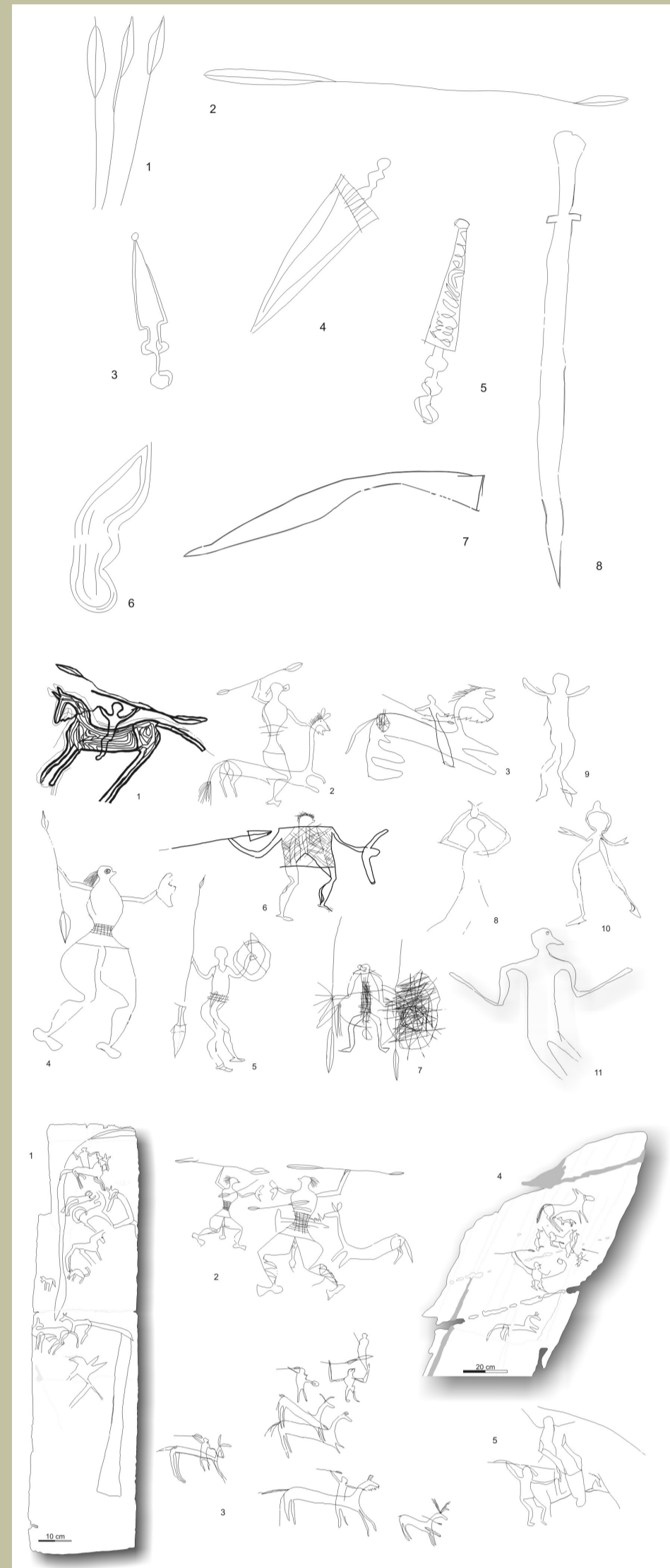


Fig. 12 - Arte rupestre do Baixo Côa (Desenhos de Fernando Barbosa)



Fig. 2 - Longroiva



Fig. 7 - Baraçal 1

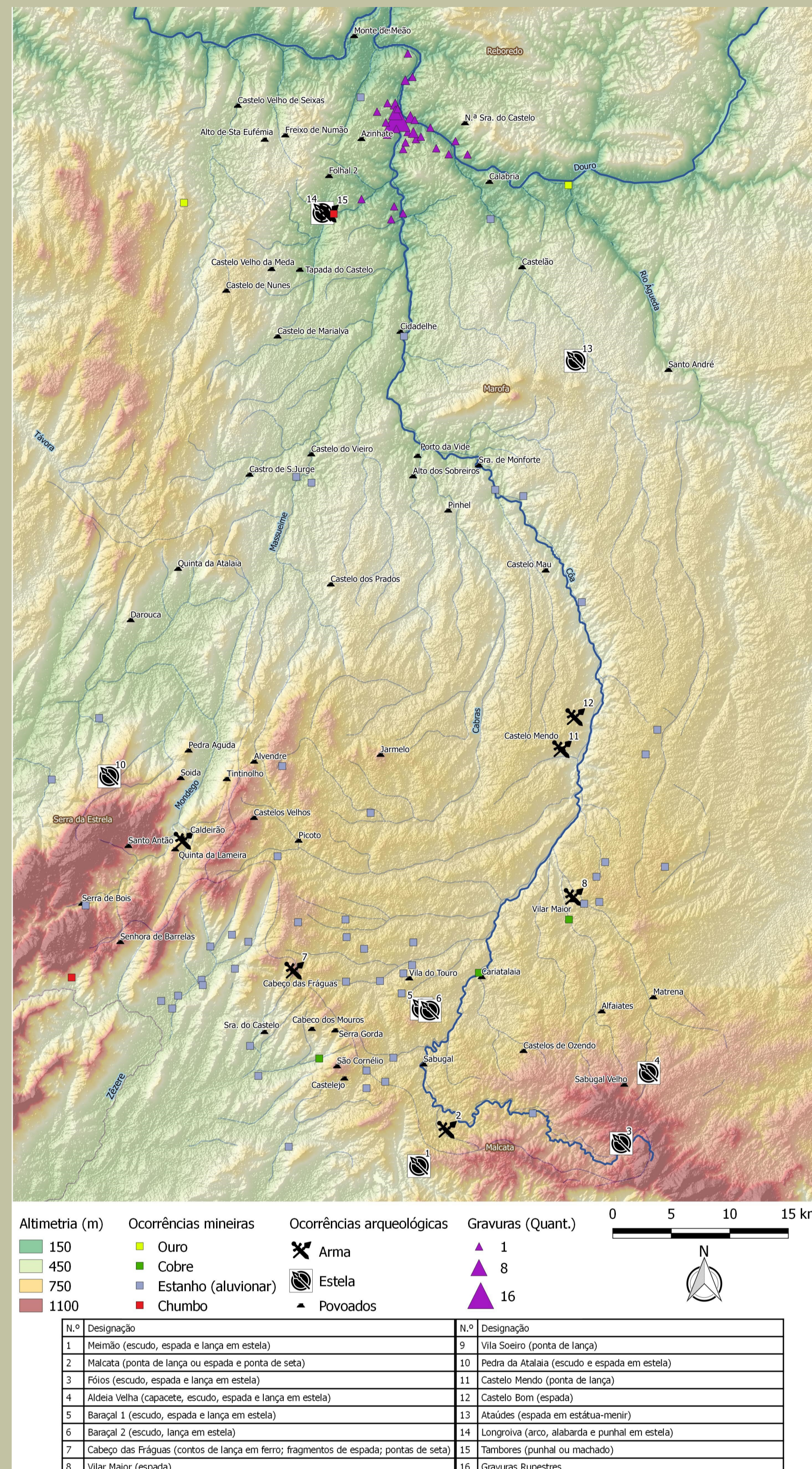


Fig. 1 - Mapa de distribuição das armas da Região do Côa



Fig. 4 - Castelo Bom



Fig. 5 - Vilar Maior

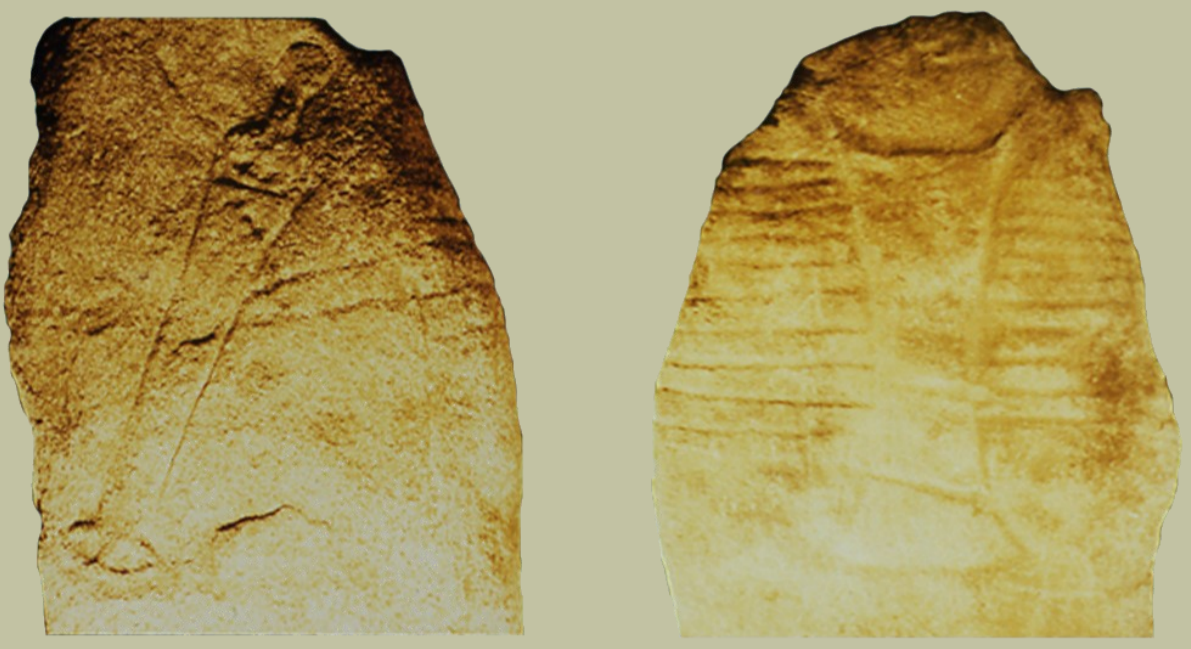


Fig. 3 - Ataúdes



Fig. 8 - Baraçal 2



Fig. 9 - Aldeia Velha



Fig. 10 - Fóios

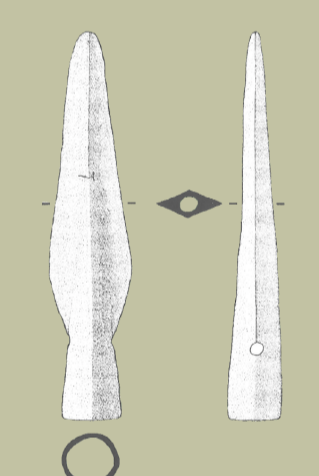


Fig. 11 - Vila Soeiro

2. As Armas, tangíveis e intangíveis

A simbologia guerreira é um traço comum ao longo dos dois milénios em análise, assumindo, ainda assim, diferentes particularidades nas tipologias, funções específicas, ou contextos.

Destacamos, no primeiro dos dois milénios, a primazia da espada como símbolo do combate individual por excelência, que as alabardas também episodicamente evocam, testemunhando a existência de elites guerreiras, míticas ou heroizadas. À estela de Longroiva, Meda (Fig. 2) e à estátua-menir de Ataúdes, Figueira de Castelo Rodrigo (Fig. 3), que reportam às fases mais antigas da Idade do Bronze, acresce a espada de Castelo Bom, Almeida (Fig. 4), já de meados do milénio. No seu final, espadas como a de Vilar Maior, Sabugal (Fig. 5) e as que encontramos figuradas nas estelas do Alto Côa — Meimão, Baraçal 1 e 2, Aldeia Velha e Fóios (Fig. 6 a 10) — reafirmam o valor simbólico dessa arma, também de coação, e que então conheceu o seu período áureo, ao lado das lanças e dos escudos.

O segundo dos dois milénios é o do triunfo da lança sobre a espada, e do combate corpo a corpo, em duelo. Afirma-se o cavalo como símbolo de prestígio. As espadas não desaparecem, mas resumem-se a fragmentos, como os do Cabeço das Fráguas, Guarda, e são claramente secundarizadas na “Arte do Côa”. As lanças de finais da Idade do Bronze, como as de Castelo Mendo, Almeida e Vila Soeiro, Guarda (Fig. 11), terão continuidade com as daquele “castro-santuário” mas, sobretudo, com o protagonismo dessa arma ofensiva tão bem expresso na iconografia sidérica do Vale do Côa, onde a sobreposição e densidade figurativa de armas é igualmente impressionante (Fig. 12).

Então, os corpos dos guerreiros, ataviados e até tatuados, equipam-se com escudos, couraças, grebas, cinturões, capacetes, lanças, punhais e falcatas. Brandem as armas e por vezes exibem os seus cavalos, em cenas de duelo ou de caça, em ação, por contraste com o despojo das armas, inertes, do Bronze Final.

4. A terminar

A região é fortemente armada, mas as armas, materiais ou figuradas, parecem ter sido sobretudo valorizadas como marcadores simbólicos e explícitos (atente-se à monumentalidade dos casos de Longroiva, Ataúdes ou Aldeia Velha). Terão desempenhado importante papel na construção e manutenção do estatuto social das elites, invocando imagens de poder. Assim, pese embora o seu carácter individualista, as armas afiguram-se como instrumentos identitários e comunitários num processo de apropriação do espaço, de territorialização. No caso da arte “sidérica”, a natureza limiar do Vale do Côa, enquanto limite geomorfológico ocidental da Meseta Norte pode ser fundamental para compreender o papel das armas e suas representações em finais do I milénio a.C.

Ao longo destes dois milénios, as armas refletem sociedades em mudança e definição, fruto da incorporação seletiva de elementos exógenos e da resistência das tradições, num território onde, a partir dos finais do II milénio a.C., se intensificam as influências forâneas de natureza quer atlântica, quer mediterrânea.

3. Armas, paisagens e recursos

Algumas das armas do vale do Côa reportam-se a espaços habitados, ou às suas envolências, como são os casos da espada de Vilar Maior, proveniente do próprio povoado, da lança de Vila Soeiro, associada ao Castro do Caldeirão, Guarda, ou os fragmentos de lanças e espadas do Cabeço das Fráguas. Mas as armas do vale do Côa expressam particular relação com o espaço não habitado, seja através de deposições votivas, sem retorno, na fenda das rochas, como evidencia a espada de Castelo Bom, seja mediante estelas e estátuas-menires armadas, em regra nas proximidades de caminhos naturais (como esta espada e os casos de Baraçal e Aldeia Velha), ou em zonas liminares, tal como também ocorre com a “arte sidérica” do Côa.

Por outro lado, Longroiva, Ataúdes e Pedra da Atalaia, em Celorico da Beira, coincidem ainda com rotas milenares associadas à transumância, dominando áreas de pasto, quer de planície (Ataúdes, Longroiva), quer de montanha (Meimão, Fóios, Pedra da Atalaia).

Menos evidente parece ser a vinculação direta das armas às ocorrências de mineração. Todavia, é notória a coincidência entre a mancha de maior densidade de achados, avulsos e figurados reportáveis ao Bronze Final, e as zonas privilegiadas em estanho e jazidas de cobre. Destaca-se o Alto Côa, onde também são melhor conhecidos os povoados dessa época, como Vilar Maior, Caria Talaia, Vila do Touro, Castelejo e Serra Gorda, os quais revelam, pelo contrário, assinalável e direta proximidade a esses recursos críticos numa altura em que o metal “fazia o mundo girar”.

Esta relação entre armas e recursos naturais dilui-se com o avançar do tempo e à medida que se caminha de sul para norte. Na região do Baixo Côa as armas, densa e expressivamente representadas, afiguram-se antes como expressão de uma aristocrática guerreira heroizada, num tempo de emergente definição de fronteiras.

Nota bibliográfica

Atendendo ao elevado número de referências bibliográficas e autoria das imagens, optou-se por as remeter na totalidade para a versão escrita deste trabalho.

Agradecimentos

Carlo Bottaini agradece à FCT pela bolsa SFRH/BPD/111039/2015.